

Homenagem póstuma ao acadêmico Jayr de Vasconcellos Calhau

Por HORÁCIO ROLIM DE FREITAS

Cumpre-me, hoje, fazer a homenagem póstuma a Jayr de Vasconcellos Calhau, colega e amigo de longos anos e de lutas no magistério. Nascido em 1927, no dia 5 de dezembro de 2007, completaria 80 anos. Deus levou-o no dia 1.º.

Conheci Jayr em 1957, por ocasião dos Cursos da CADES onde lecionamos. Aprovados no concurso para o Estado, em 1963, aguardávamos a escolha de escola, na 1.ª zona distrital a que tínhamos direito pela colocação, quando Dinamérico Pereira Pombo, que viria a ser nosso colega na USU e grande e inesquecível amigo, convidou-nos, a mim e ao Jayr, para lecionar no recém-inaugurado Colégio Industrial José do Patrocínio, em Irajá.

Eu e Jayr não aceitaríamos, pela distância, mas a insistência de Dinamérico demoveu-nos. Lá trabalhamos numa época em que o ensino era sério e o professor fazia jus a um salário polpudo. Jayr foi Coordenador-Geral.

Em 1971, fui levado pelo amigo Walmírio Macedo para a Universidade Santa Úrsula e, no ano seguinte, Walmírio convidou Jayr. Ali, trabalhei trinta anos e Jayr pouco menos, só deixando a USU quando, no ano de 2000, teve um AVC, dentro da Universidade.

Na Santa Úrsula, tivemos nossos melhores anos de magistério. Entidade séria, Departamento de Letras dirigido pela notória competência de Walmírio Macedo, e um grupo coeso de professores.

Em 1974, uma lei específica para quem já lecionasse há mais de cinco anos em curso superior, permitia candidatar-se a concurso para a obtenção dos títulos de Doutor e Livre-Docente.

Walmírio, eu e Jayr completáramos o Mestrado na primeira turma da Universidade Federal Fluminense. Walmírio deu-nos a notícia: o primeiro Estado a abrir o concurso foi o Rio Grande do Sul. Walmírio foi o primeiro a inscrever-se na PUC RS e lá fomos vários colegas da USU assistir à brilhante defesa de tese de Walmírio Macedo.

Apesar de meio temerosos de um concurso em outro Estado, inscrevemo-nos também e, no dia 30 de julho de 1974, eu e Jayr, após a prova escrita e a prova de aula, defendemos nossas teses. Jayr, com o trabalho *Clóvis Monteiro e a Filologia Portuguesa*, eu, com *Aspectos da Derivação em Português, sob uma visão sincrônica*.

Lembro, aqui, que, nessa época, ainda os examinandos defendiam seus pontos de vista epistemológicos, comprovando todas as citações indicadas na bibliografia. Jayr e eu levamos uma mala com cerca de cem livros.

Ao citarmos Saussure, Halliday, Clóvis Monteiro e quaisquer outros, mostrávamos aos examinadores as obras e a página. Os tempos mudam. *O tempora! O mores!*. Hoje, basta a saliva para a compreensão bibliográfica.

Jayr escreveu artigos para as revistas: *Idioma*, da UERJ, *Studia*, do Pedro II, participando, também, da Miscelânea em homenagem a Sílvio Elia sob o título: *A Filologia Portuguesa em Portugal e no Brasil*.

Contudo, seu grande trabalho foi a tese sobre a obra de Clóvis Monteiro, de quem Jayr foi dileto discípulo. Dr. Clóvis, como todos o chamávamos, dispensava especial consideração ao Jayr. Tivemos a felicidade de receber lições de inesquecíveis Mestres em língua portuguesa. Na Graduação, Clóvis Monteiro; no Mestrado, Olmar Guterres da Silveira, Evanildo Bechara e Gladstone Chaves de Melo.

Lendo a tese de Jayr, cuja bibliografia reúne 103 obras, constata-se, não só a admiração por Clóvis Monteiro, como o domínio da obra do Mestre. Ali, Jayr comenta todos os trabalhos de Clóvis Monteiro, detendo-se, particularmente, em *Português da Europa e Português da América*, sobre a qual descreve e comenta, com segurança lingüística e filológica, inúmeras passagens dessa obra marcante nos estudos lingüísticos.

Walmírio, Jayr e eu, retornando da PUC RS, com os títulos de Doutor e Livre-Docente, iríamos participar de várias bancas de Livre-Docência e Doutorado, títulos exigidos para os examinadores.

Na UERJ, participamos de todas as bancas de língua portuguesa e língua latina: Prof. Olmar, Jayr, Jairo e eu.

Lembra-me uma em especial. Meu antigo mestre na PUC, na década de 50, Junito de Sousa Brandão, candidatou-se à cadeira de Língua e Literatura Latina. Como deferência a seus antigos discípulos, convidou a mim e ao Jayr para examiná-lo — subida honra. Claro que participamos da banca, mas como examinar o Mestre, profundo conhecedor das línguas latina e grega, e respectivas literaturas? Que aula deu-nos Junito, deixando a todos os presentes extasiados com o domínio do assunto e o didatismo das explicações.

Jayr Calhau foi assistente de Clóvis Monteiro, no Pedro II, e de Olmar Guterres da Silveira, na UERJ; Chefe de Departamento na Universidade Santa Úrsula; Professor do Instituto de Educação e da Universidade Sousa Marques. Participou da equipe que planejou e legalizou o Mestrado de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UERJ. Foi uma tarefa difícil: vencer obstáculos administrativos e impedimentos outros. Jayr e Jairo atuaram com eficiência. Ainda durante o processo, Jayr aposentou-se, pouco depois o Jairo, e eu consegui concluir o trabalho e obter a concessão do Mestrado.

Jayr Calhau pertenceu a esta Academia, eleito para a cadeira n.º 30, cujo patrono é Cândido Jucá. O primeiro a ocupá-la foi Cândido Jucá Filho e o segundo, Jayr Calhau.

A ele devo a notícia de que o Prof. Olmar Guterres da Silveira apresentara o meu nome para concorrer a uma cadeira desta casa.

Jayr era um homem metódico, um cavalheiro, de princípios, honrava a palavra, coisa hoje pouco considerável; amigo sincero com quem se podia contar. À palavra empenhada não cabiam tergiversações.

Por volta de 1997, começou a desfazer-se de algumas obras de sua vasta biblioteca. Não quis vender-me, deu-me, por exemplo, o Corominas em quatro volumes. Eu só possuía o Corominas reduzido. Anteriormente, em 1977, Jayr deu-me cópia da *Gramática Especulativa*, onde se encontram as lições de Tomás de Erfurt, escrita no século XIV, com a seguinte dedicatória:

“Para o Amigo Horácio, companheiro de velhas batalhas.

Rio, fevereiro de 1977”.

Mas o presente inesquecível, como sempre digo, de valor superior a um carro novo, foi a *Grammaire des Langues Romanes*, de Meyer-Lübke, obra que eu, ávido, só podia consultar nas bibliotecas públicas. Só um grande amigo oferta uma grande obra. Nossa amizade foi longa, como discípulos dos mesmos mestres, como colegas de trabalho nas Universidades do Estado do Rio de Janeiro e Santa Úrsula, e como membros desta Academia.

Chegada foi a hora de nos deixar, privando-nos de sua companhia.

Hoje, lembra-me o dia em que ele e eu, aqui, neste mesmo auditório, prestamos uma homenagem a um mestre querido: o Prof. Olmar Guterres da Silveira.

Que direi mais de Jayr Calhau?

Como estudioso da língua de Cícero, dedico-lhe, de coração, este pensamento:

“Amicum perdere damnum maximum est.”